

Psiquismo e robotização¹

Virgínia Leone Bicudo²

Umberto Haydt de Souza Mello³

Fausto Alvim Junior⁴

Felix Gimenes⁵

Ronaldo Mendes de Oliveira Castro⁶

Resumo: Os autores, amparados no que se conhece sobre a construção, o funcionamento e a manipulação de computadores, convencionaram o que, neste trabalho, passaram a chamar de robotização do homem para, confrontando este fenômeno com o que se pretende produzir num encontro psicanalítico, referirem-se à psicanálise como uma das possíveis tentativas de desrobotização do homem. Para esta tentativa, os autores enfatizam a importância de não se adotar o ponto de vista da lógica formal e da lógica simbólica (onde são estudados os princípios e leis para o pensamento; onde se prescinde de referência aos objetos) e chamam a atenção para o relevo do entendimento, não de uma teoria, mas de uma pessoa-analista, com uma atitude o mais possível despojada de conhecimentos pretéritos, visando à criação de espaço para uma nova experiência com a pessoa-analisando – o que permitirá a formulação de hipóteses relativas a cada experiência assim vivida pela dupla. São feitas hipóteses sobre as possíveis funções da robotização e da desrobotização, tanto a nível individual quanto a nível

- 1 Publicado em *Alter – Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, 6(2), 30-40, 1976. Trabalho apresentado na 28ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Brasília, julho de 1976). A redação final é de Humberto Haydt de Souza Mello, um dos autores. Virgínia Leone Bicudo, considerando que sua sugestão para o título evoca comentários, escreveu um texto publicado aqui no Post Scriptum.
- 2 Socióloga, psicóloga e psicanalista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).
- 3 Psiquiatra e psicanalista associado à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).
- 4 PhD em Matemática, Professor da Universidade de Brasília e colaborador do Centro Nacional de Referência Cultural.
- 5 Psiquiatra e psicanalista associado à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).
- 6 Psiquiatra e egresso do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

grupal. São feitas indagações dentro de um universo de especulações cujos extremos são: a) pode a psicanálise tornar-se um processo de robotização?
b) pode um computador vir a sofrer algo como experiências emocionais?

Essa harmonia que a inteligência humana acredita descobrir na natureza, existe fora dessa inteligência?

Henri Poincaré⁷

Introdução

Há milênios, o homem descobriu a possibilidade de delegar funções. A estrutura que recebia suas atribuições podia, de início, ser uma pedra, uma planta ou um animal. Assim, a projeção do dente ou da unha, no objeto identificado como pedra, fere melhor o adversário; o suco de uma planta, tido como gástrico, tem mais função digestiva que o estômago; a marcha da montaria tem um passo mais vigoroso para a perna do apressado.

Arma, remédio e veículo não resumem o universo do dominador. Ele delega ao urso o cultivo do pelo que lhe falta; à erosão, a construção de sua gruta. Não satisfeito, separando as trevas da luz, pondo nomes em todos os outros fenômenos, chegando a criar um Deus que sirva de teoria para sua própria gênese, ambiciona apossar-se de seu semelhante, domesticá-lo para uso e comércio.

A máquina surge como tentativa precária de satisfazer o desejo sobre um servo dócil, barato, infatigável e perfeito. Em cada prelo reside um veloz copista de letra uniforme; em cada câmara, um urgente e fiel retratista; em cada navio, inúmeros escravos, de inigualável ritmo, remando dentro de cilindros.

E, a cada passo, o homem vive um temor. Supondo que a memória serve para se ver o futuro, cada abertura para o desconhecido foi profetizada. Por isso, o mundo centrado na caligrafia, que até então provava

7 *Cette harmonie que l'intelligence humaine croit découvrir dans la nature, existe-t-elle en dehors de cette intelligence ? La Valeur de la Science, Introduction (1905).*

competência, recebeu a datilografia como corruptora; a fotografia arquivava o pintor e a musa; o automóvel criava uma espécie parálitica...

Mas nenhum engenho foi tão inquietante quanto o computador. O homem podia suportar que um cavalo ou um automóvel se deslocassem com tanto desembaraço. Bastava montar num desses objetos, mexer em certos manípulos e se projetar em seu desempenho. O repertório de manejo espacial, segundo as variáveis de cada momento, é tão rico no homem que só um acidente fazia do piloto um pilotado. Então ele podia dizer: falhei.

Ele guardava um segredo que só ele mesmo podia entender: tinha uma mente insuperável por suas próprias projeções.

A situação muda quando uma estrutura eletrônica, de posse de uma “voz caligraficamente competente”, lhe diz sem rodeios: “Formule melhor sua pergunta”. E as profecias, agora, são sobre uma espécie que perde a experiência com a tabuada, fica com a memória fraca e adquire muitos outros aleijões.

Considerações

Aqueles pequenos aparelhos de calcular, que nos anos 1940 eram chamados de cérebros eletrônicos, cresceram, amadureceram e se multiplicaram muito à imagem e semelhança dos seus criadores, e ocupam hoje, nos governos, nos negócios, na ciência e até em sérias incursões pela arte, um lugar que é considerado de forma bastante ambivalente pelo homem.

Não há aquele, dentre os que sabem da existência de computadores, que já não tenha se perguntado, de maneira mais ou menos clara, sobre a possibilidade de ser substituído, no todo ou em parte, pelo desempenho dessas sofisticadas construções.

Ficcionistas têm se aproveitado desse filão para inspirações que podem ser localizadas em espaços emocionais que vão desde o temor à destruição até o vislumbre profético sobre uma vida humana transformada em sua essência.

A abordagem de um tema como este que não provocar o comparecimento de delimitações para o uso dos conhecimentos e dos conceitos nele contidos, pode correr o risco de se configurar como apenas mais uma incursão num campo de especulações continentais de angústias.

Gradativamente, um enriquecimento foi possível aos autores que, em grupo, discutiram inúmeras vezes suas ideias para a elaboração deste trabalho. A questão que se torna mais oportuna, no início do comunicado, refere-se à inadequação do termo “robotização” para nomear processos mentais humanos que se desencadeiam automática e estereotipadamente.

Os debates e as trocas de informações foram suficientes para o entender que a semelhança tentada entre os referidos processos e o funcionamento de computadores não resiste a qualquer provocação feita com o que se conhece a respeito desses engenhos e, principalmente, com as teorias que têm assistido à sua criação.

Por outro lado, a mensagem dos autores não se desfez com o encontro desses limites. Ela pode ser dada fixando-se, por exemplo, a faixa etária do computador que será usado para a pretendida semelhança. Isso quer dizer que o termo “robotização” seria melhor substituído neste trabalho por “automação” ou “reflexo condicionado” – evitando-se, com isto, denegrir computadores que são capazes, em certas áreas, de maior criatividade e flexibilidade do que muitos homens.

Supomos que o maior obstáculo sobre a tentativa de se chamar de pensamento os desempenhos eletrônicos seja o fato de que o homem se transforma dentro de cada experiência, e sua mente nunca é a mesma de um momento anterior. Não se trata apenas da dificuldade de se atualizar dados na mente vista como um aparelho, mas de se considerar até a dificuldade de manter dados como sendo os mesmos em um aparelho que se transforma com a própria não-renovação de dados.

As possíveis indagações a respeito de se um computador pode experimentar algo como emoções tornam-se desnecessárias quando se leva em conta que esse questionamento só é feito quando se adota, a priori, uma semelhança entre o homem e o robô, semelhança esta tomadas sob o ponto de vista de performances em contextos bem delimitados. Daí

ser inevitável prosseguir dizendo que “o pensar do homem está para seu sentir, assim como o processamento eletrônico está para alguma função do computador”.

O objetivo desta monografia é enfatizar a importância da experiência do homem, seja com a máquina ou com outro homem, e não tentar um código para a avaliação e comparação de produtos mentais.

Qualquer deslize na escolha do ângulo dessa observação poderia produzir a possibilidade de comparação, como numa olimpíada, entre o rendimento de computadores de linhagem eletrônica e o rendimento de computadores de origem biológica.

Este é outro ponto que merece destaque, ao olhar de maneira enfática para a intenção deste trabalho. Mostrar que o funcionamento de um computador é um processo similar ao pensar, só porque em certos contextos apresenta resultados comparáveis aos do pensar, é adotar o critério do produto final como suficiente para a conceituação do processo gerador do referido produto.

Um exemplo pode ilustrar nossa desaprovação ao proposto: se é verdade que tudo que acende um cigarro é um isqueiro, já não poderíamos distinguir fósforos de brasas, e estes de velas, lamparinas e mesmo de isqueiros.

Com a experiência do homem, isso fica mais chocante. Se chamarmos de trabalho a qualquer ação que apresente como resultado a obtenção de dinheiro, perderemos de vista a discriminação entre trabalho, furto, falsificação, mendicância, chantagem etc. Quando se trata de gerar movimento, pode não importar ao computador que levanta dados de produção se a força é do vapor, do músculo ou da explosão de um combustível. Mas para o homem é diferente, em sua experiência vivida, sentida e pensada: se ele é um trator ou se ele manipula um objeto chamado trator, conta-se uma grande diferença de esforço.

Entendemos que a eleição do critério finalista como suficiente para a nomeação do processo gerador seja uma das formas de o homem revelar seu desejo de usar seu semelhante, e a si mesmo, como máquina e de classificá-lo segundo sua utilidade como objeto rentável.

No que se refere ao objeto desta comunicação, convém que sublinhemos que o pensar não é como uma sequência de fenômenos que possa ser reproduzida por uma máquina ou mesmo por outro homem. Pensar é uma experiência tão emocional e inédita como cada digestão, cada sonho e cada morte, embora o homem tenha convencionado regras para a exposição de pensamentos, sendo possível até testar a verdade e a utilidade que com eles fica acessível.

A robotização da mente

O homem deseja, ao máximo, escapar às contingências que tornam possíveis suas insatisfações e, até mesmo, evitar as conhecidas consequências de suas provocações às leis naturais. Assim, o desejo de controle, visando diminuir as vicissitudes, remete-o a valorizar desempenhos humanos codificados como úteis e certas sequências de fenômenos que pretende manipular.

A expectativa de usar o incêndio espontâneo e a tarefa de manter o fogo vivo, há milênios, foi substituída pela produção da chama em momentos escolhidos e em proporções desejadas. A primitiva desconexão entre coito e gravidez, que se operava a nível de ignorância, e não no mundo dos fatos, agora existe como fruto de conhecimento dentro da realidade.

A cultura, seja sob tintas de educação ou de indústrias, é o registro e a transmissão de procedimentos controladores. O homem, já pensando com esses dados, supõe até saber como o próprio homem deve ser. E os emergentes rebeldes a essa programação, mais ou menos explícitos, usam áreas de maior ou menor influência, em cada momento histórico, e podem falar sob a forma de arte, ciência, religião ou mentira, e serão catalogados como gênios, místicos, loucos ou delinquentes, conforme a conveniência.

É um fenômeno conhecido: cada emergente que inocula o novo no velho sistema, se permanece vivo, assiste ao sistema inoculado transformar o novo em novamente. Assim crescemos, com temor ao crescimento. E acaso o crescimento não é mesmo perigoso? A nível

fisiológico, são conhecidos diversos mecanismos de estimulação e inibição de crescimento. A fisiopatologia registra numerosos resultados de desenvolvimentos defeituosos, desordenados, independentes e comprometedores para a unidade orgânica. O grupo social, há muito tempo, instituiu que não se pode esperar do homem a emissão de pautas de comportamentos transmitidas geneticamente, pautas que façam de cada indivíduo um elemento necessariamente útil à sobrevivência da espécie.

Será exatamente o grau de liberdade do homem que provoca o temor grupal, nascendo daí medidas de controle que visam o estabelecimento de pautas consagradas (códigos) que pretendem preencher a falta de uma programação hereditária? Aqui temos um bom modelo para pensar sobre essa modalidade de conflito humano. As imposições sobre as performances não nascem, em cada indivíduo, de dentro dele mesmo e não são resultado de sua experiência individual, mas sim de obrigações a cumprir segundo um código externo e preexistente a cada indivíduo, que é apresentado a estes como o fruto de uma vultosa e anterior experiência sabiamente elaborada.

Muito antes de um menino descobrir o sentido, o uso e o prazer de ter um pênis, é obrigado a mostrar-se como um homem; se, como menino que se sente homem, descobre o prazer com o pênis, é avisado de sua inadequação; se, como homem que não é menino, não sabe ter prazer com a liberdade de menino, é levado a uma oficina de regulação que poderá até se chamar de “sexológica”. Ora – pode-se perguntar irritada e mecanicistamente – por que diabos o homem não se presta a uma pacífica programação?

Uma robusta joia do diagnóstico sobre robôs registra-se na história de uma psiquiatria, filha da neurologia, que descobria já coisas como circuitos neuronais ao fim do século passado: foi isolada e descrita uma doença mental que só acometia negros; apesar de castigados, de modo até a pôr em risco suas vidas, eles tinham a compulsão a fugir. Uma retrospectiva histórica feita sem nenhum esforço é suficiente para sabermos que, no lugar onde se deram essas observações, os negros eram escravos e, na mente dos doutores, certamente brancos, o negro não

aparecia como gente, mas como máquina comprada e vendida segundo sua capacidade de servir.

Outro modelo, de uso corrente em psicanálise, que serve para se falar sobre essas referências, pode ser assim empregado: os conteúdos de uma pessoa nem sempre encontram continente em outra pessoa ou no grupo a que aquela pertence. O fato de assim ocorrer não é suficiente para se dizer que os considerados conteúdos são destrutivos, mas que a pessoa ou o grupo que não pode ser continente não está formulando hipóteses e sim uma entidade que reage com a experiência de não ser continente.

O conteúdo “gente” que emerge do escravo, não podendo ser pensado (contido) pelo senhor de engenho, é por este recebido como agressão, e sua resposta, coerente com sua experiência de mais forte, é agressiva também. Isso pode ser construído de maneira especular: o conteúdo “superior” que emerge do senhor de engenho, não podendo ser pensado pelo escravo, foi recebido por este como agressão, e sua resposta, coerente com sua experiência de mais fraco, é fugir.

Só para um observador externo e neutro isso tem o caráter de desencontro. Para cada uma das partes, sua experiência será o resultado de sua maneira de se encontrar.

A questão da ausência de pautas que se imponham de dentro do homem e que permitam uma organização social tão tranquila e automática como a das abelhas, por exemplo, indica um campo fenomênico extremamente rico para se entender algo de extremamente peculiar à experiência humana.

K. Lorenz mostra que isso permite ao homem escapar de acontecimentos regulados poderosa e estereotipadamente pela dinâmica das pulsões, sendo obrigado a incursionar em áreas desconhecidas que só o pensamento, com suas sempre prováveis falhas, pode tentar uma sabedoria substitutiva.

S. Freud mostra que o aparelho mental, apesar de poder funcionar tentando o desconhecido, lida com os fatos enquanto submetido aos instintos e às pulsões, seu funcionamento mesmo se originando por pressão do irracional, disto resultando, para o referido aparelho, embates

entre as regras instintuais e as regras sociais, produzindo-se assim sintomas sob a forma de produtos mentais e/ou ações inadequadas.

O robô será, portanto, o construto humano desejado para suportar o desempenho de funções que se fazem necessárias à eficiência que o homem não tem em si mesmo, mas, como toda projeção, esta se volta contra sua fonte e dela pode tomar posse. Já são notáveis as queixas sobre a desumanização do trabalho humano em virtude de sua relação com a máquina.

Embora o psicanalista veja esses fatos de uma forma aproximada ao que foi exposto, dela podendo até se beneficiar para a consideração sobre os problemas com que trabalha, sua experiência se dá, de maneira bastante frequente, com pessoas isoladas que ou não obtiveram a performance ditada pelos códigos e estão sofrendo como impotentes ou conseguiram uma performance tão peculiar que estão sofrendo como se pertencessem a outra espécie, sobre a qual o homem acha que tem o direito de domesticação.

O momento dramático não é o do sofrimento, mas o da constatação, dentro do sofrimento, e com os recursos que o sofrimento permite e provoca, de que há uma repetição de fatos, na experiência de uma pessoa, que se liga, numa exata sequência, a cada prenúncio, vivência e alívio da mesma configuração dolorosa.

O sofrimento mental, que pode ser entendido como a patologia da liberdade, indica contextos fechados e é um pungente canto por espaços maiores dentro da mente enclausurada pela programação.

A mente humana não é apenas capaz de desejar e construir um robô a partir de animais, pessoas ou circuitos; ela é capaz de desejar programações prontas para suas próprias performances, de protestar contra as programações, de se danificar com a introjeção de programas – tudo simultaneamente – e, na maioria das vezes, a queixa sobre a programação emana de uma mente que usa a programação para formular a própria queixa. Por isso o psicanalista será necessariamente imaginado como aquele que, como o cirurgião, capaz de corrigir um desvio anatômico, diz: “O sistema falhou? Eu corrijo você”.

O processo psicanalítico

Aqui tornam-se irrelevantes os achados feitos por antigos e modernos psicanalistas em suas experiências com analisandos, sejam esses dados conectados, ou não, por construções teóricas.

Uma das maneiras de se entender qual experiência humana a psicanálise pode oferecer é questionar como se formam os psicanalistas; que convicções, de modo geral, eles têm; o que, de fato, oferecem; e, se possível, o que se recusam a fazer entre as infinitas coisas que duas pessoas podem concordar em experimentar quando se encontram.

Isso significa que nos propomos a examinar a presença do psicanalista na sessão de análise, ou seja, questionar o que pode ser a experiência do analisando em contato com uma pessoa educada para observar, pensar, falar e, principalmente, significar algo para quem busca ajuda.

Sabemos que as pessoas podem ter a função de mãe, marido, filho etc., sem nenhum preparo específico, e disso podem emergir vivências enriquecedoras ou catastróficas. Esses resultados são sempre aproveitados pela humanidade, por exemplo, através da codificação dos costumes, das inspirações artísticas, das teorizações científicas e inúmeras outras elaborações mentais.

Quando indagadas sobre seus desastres, as pessoas podem dizer que estavam apenas existindo e não puderam prever o que aconteceu. Mas, quando o existir é fazer psicanálise, não se pode levantar nenhuma inocência, pois a psicanálise não é uma contingência natural. O psicanalista usa elementos da natureza humana para conhecê-la mais profundamente e, mesmo que não o queira, a modifica com a mesma importância de qualquer pessoa em função natural.

Por isso, os Institutos de Psicanálise consideram: qualquer que seja a formação universitária de um candidato a psicanalista, e qualquer que tenha sido o tempo empregado em leituras ou debates sobre psicanálise, essa pessoa ainda não tem o preparo emocional necessário para estar com outra que, sofrendo ou não, busca uma relação humana para mudanças internas.

Enquanto candidato, um psicanalista é submetido a análise por, no mínimo, cinco anos. O preparo intelectual ocorre durante essa experiência emocional, acompanhado de um curso teórico de quatro anos. Os primeiros trabalhos são feitos sob supervisão de analistas reconhecidos pelos Institutos como experientes. Esse é o mínimo necessário para uma profissão em que a personalidade do profissional é o único instrumento de trabalho. O psicanalista deve ser capaz de existir ao lado de outra pessoa, compreendendo o que se passa tanto com o outro quanto consigo mesmo. Se não puder entender o que ocorre com o outro, pelo menos deve saber o que se passa em sua própria mente naquele momento e não se confundir com o que não entende.

Isso pode ser particularmente difícil em atmosferas emocionais carregadas de projeções, alucinações, delírios ou versões irrefutáveis de uma realidade ausente. Um psicanalista é alguém que, sob condições emocionais altamente desfavoráveis, se propõe a observar e refletir sobre coisas que não puderam ser observadas ou pensadas.

W. R. Bion caracterizou bem algumas trivialidades dessa experiência. Ele mostra o analisando como alguém que, enquanto tiver esperanças em qualquer processo milagroso, seja ele chamado de mágico ou científico, se recusará aos percalços do pensamento e a ausência de garantias sobre a utilidade do conhecimento. A seu modo, o cliente expressará o temido, o amado, o odiado, o invejado e o desejado sob a forma de sonho, lembrança, ilusão, alusão, devaneio ou pensamento, sempre sob princípio do prazer e da dor, e convidará o analista para como um semideus julgar, escolher, resolver, ensinar ou proteger. Atender a qualquer um desses convites é não fazer psicanálise. Cabe ao analista formular hipóteses sobre o que está acontecendo, naquele momento, com a pessoa à sua frente, vivenciando aquele instante. O que o analista oferece, na maioria das vezes, não é o que está sendo esperado. Novos fatos ocorrem, novas observações são feitas. Essa dupla continuará trocando experiências em encontros de 50 minutos, pelo período que lhes for possível. Sem controle sobre o uso do conhecimento que emerge desta pesquisa, o analista deve apenas seguir em busca de mais elementos sobre os fenômenos que se tornam presentes, o analista vê

sua contribuição ser transformada tanto em construções quanto em destruições internas.

Um modelo político pode ser empregado para uma pálida referência a esses acontecimentos. A mente que sofre tem um establishment que está em crise, um sistema que não abarca os fatos que se dão dentro, fora, por causa e apesar da sintaxe do sistema. A crise cria o emergente metasintático, que só será reconhecido externamente por alguém experiente em revoluções. O analista é o subversivo necessário que interpreta a metassintaxe, com todos os riscos de ser esmagado pelo sistema agonizante.

Não é incomum que os analisandos colham grandes benefícios de uma convivência com uma pessoa que consegue existir com integridade intelectual e emocional em meio a tantas vicissitudes. Se o trabalho foi possível, ambos cresceram juntos, como em qualquer relação humana íntima – embora não seja esta uma intimidade qualquer.

Este é o ponto para analogia que este trabalho tenta traçar. O sistema fechado, em crise diante dos fenômenos que não obedecem às regras do sistema, lembra a programação do computador que não abarca o universo do input. Mas o homem não apenas emite o sinal de incapacidade. Ele emite o sinal e entra em relação com o emitido, sofre nesta relação, procura negar o sofrimento e, com a negação, danifica ainda mais o sistema. Com mais danos, sente-se mais incapaz, aumenta seu sofrimento e são tantas as trajetórias possíveis que estamos longe de garantir que sempre possa haver uma reformulação que impeça a catástrofe irreparável. A analogia se completa quando apontamos para o processo analítico como uma forma de desrobotizar o homem, isto é, de oferecer aos sistemas agonizantes revoluções que contenham a possibilidade de expandir cada universo pela criação de um sempre ampliável metauniverso.

Essa é a principal dificuldade da psicanálise: permitir e propiciar a criatividade sobre sistemas que já usaram a possível criatividade para se empobrecerem. Esta é a principal dificuldade do psicanalista: ser visto e tratado como perigoso pelos sistemas mentais que estão sucumbindo porque temem a experiência com o que é novo. Ele deverá perceber cada investida destrutiva do establishment, que se manifesta desde a

agressão franca e aberta até a contratação de serviços que absorvam sua produção para a área do irrelevante.

Aparentemente, o homem fabrica progresso e é colhido pela destruição que brota, como fezes, de suas construções; e ele não tem nenhum controle sobre o evoluir que emerge de suas fabulosas destruições. Brincando de decidir, ele nada mais é do que o emergente de transformações que parecem acontecer cada vez com mais velocidade, mais barulho e mais fora de seu controle. E seus ouvidos, que já surdos para o movimento dos astros, também se fecharão para outros estertores de seu microcosmo, tornando distante aquilo que lhe é mais próximo.

O novo ser, sem rabo, sem pelo, sem caligrafia, sem tabuada, sem memória, será necessariamente levado a pensar, e verá que cada uma das funções que um dia delegou a um computador já continha todo o mundo que se ousou criar; mas também perceberá que, se não o fizesse, viver não teria tido importância alguma. E viver sempre foi buscar formas mais ousadas de se organizar – diz-nos a filogenia.

E acaso isso não está programado?

PS. Comentários de Virgínia Bicudo

O título “Psiquismo e robotização” contém consideráveis cargas emocionais. Sob o vértice da Ciência ou da Ficção, Homem versus Máquina aproveita estertores maniqueístas, do tipo mocinho contra vilão. A monografia, entretanto, não promove a disputa e, se ela de fato existe, deixa de tomar um partido, por considerá-la absolutamente secundária. Isso não significa que tal nível seja desimportante, mas é verdade que sua adoção impediria a descrição das diferenças e semelhanças entre homens e computadores, em virtude de já conter o inevitável caminho que conduzia, de maneira retórica e obediente à construção, ao resultado sobre indiscriminação entre a máquina e seu criador.

Bastaria, portanto, a não ênfase do pensar como uma experiência humana para se o verbalizado por aquele que pensou, como produto (pensamento), que será sempre comparável com qualquer

outro produto verbalizado. Então, sem pejo, teríamos que admitir que o computador pensa.

Cumpramos chamar a atenção para a sempre presente possibilidade de que o processo analítico também se configure como um processo de “robotização” quando se propõe a ser um sistema capaz de “desrobotizar”, uma vez que duas entidades semânticas só podem ser comparadas em terreno de significação.

Feita a analogia entre o output do computador e o pensamento humano, bastará buscar o equivalente computacional para o sentir humano. O não pensável seria, portanto, apenas um limite, e não um conteúdo.

O problema se reduziria, portanto, ao seguinte: o que é verbalizável – isto é, pensável – e, no entanto, não é passível de elaboração por um robô? Neste domínio é que se desenvolveria o processo psicanalítico, se este é pensamento e oposto (disjunto) a métodos computacionais.

Para efeito de discussão, tomemos como nossa linguagem comum qualquer uma afetada pelas regras básicas do discurso dedutivo informal. Não se pretende a adoção de um formalismo estrito com isso, mas apenas a convenção de que sabemos quando uma proposição é (explicitamente) contraditória; quando uma proposição é inferida ou deduzida de outra etc. As regras básicas do discurso verbal são, obviamente, fortemente aparentadas às regras da lógica clássica, mas não se reduzem a estas. A lógica clássica, herança grega, é por sua vez uma forma específica de linguagem, bastante genérica e simples (lógica e matemática não são exageros de racionalismo; pelo contrário, representam o arcabouço mínimo do mesmo).

Consideremos, portanto, aspectos que se referem a linguagens formalizadas – ou “bem definidas”, embora não estritamente formalizadas – naquilo que se segue. Faremos, assim, aproximação entre a linguagem psicanalítica e as linguagens dos robôs. A atividade psicanalítica se revelaria como uma linguagem essencialmente universal, e não como a usual estrutura compartimentalizada, onipresente na moderna sistemática científica.

O pensar analítico (isto é, a linguagem analítica) apresenta, portanto, as seguintes características: fechamento sobre si própria, autorreferência ampla, contínua expansão, momentos de discriminação e de não-discriminação entre objetos distintos. Além dessas características anteriores, portanto, a linguagem psicanalítica goza da peculiaridade de uma reinvenção voltada para a totalidade de seu universo – ou seja, é um contínuo pensar (falar) sobre sua estrutura sintática e semântica. Isso estabelece uma metadinâmica de constante alimentação e ampliação de seu universo, através da absorção de material proveniente do não-pensável (conforme a importância da “capacidade negativa” no trabalho do analista).

Essa dinâmica metassistêmica se constituiria em essencial característica do processo analítico. De fato, embora algumas das propriedades da linguagem psicanalítica, acima apontadas, sejam partilhadas com linguagens computacionais, esta última não o é. Envolve, na realidade, a contínua presença de paradoxos semânticos e sintáticos dentro da(s) estrutura(s) linguística(s) considerada(s).

Autorreferência, diluição de discriminações, não setorização– eis propriedades singulares da linguagem psicanalítica, no grau em que se apresentam, dentro do panorama da cultura ocidental. Deveria ser indagado o sucesso ou insucesso da psicanálise em relação às suas atividades e ao universalismo que atinge (confrontado com a racionalização, a modelagem e a especialidade que também se submete – ou busca se submeter). Por exemplo, a que usos servem os modelos analíticos emprestados a áreas científicas altamente especializadas? Um desses modelos: o robô. Diferentes versões de “robotização” podem ser consideradas, desde o autômato primitivo até a máquina de Turing universal.

Eis uma sofisticação do modelo robótico para a mente: o acoplamento de um nível analógico a um nível digital. “Vantagens”: aproximação talvez melhor com a neurobiologia; talvez compatibilização de flexibilidade com rigidez; talvez algumas indicações esclarecedoras de mecanismos de discriminação e de fusão. Outra sofisticação (esta consagrada) do modelo robótico: localização da linguagem do hemisfério esquerdo do cérebro, e de certas habilidades no hemisfério direito.

Possibilidade, entretanto, de diferentes funções a serem partilhadas por ambos os hemisférios.

Conclusão: o não-robótico (e o robótico) não é uma parte da mente, mas a permeia toda.

Psiquismo y robotización

Resumen: Los autores, basándose en lo que se conoce sobre la construcción, el funcionamiento y la manipulación de computadoras, han definido lo que, en este trabajo, llaman robotización del hombre. Confrontan este fenómeno con lo que se busca producir en un encuentro psicoanalítico, refiriéndose al psicoanálisis como uno de los posibles intentos de desrobotización del hombre. Para este intento, los autores destacan la importancia de no adoptar el punto de vista de la lógica formal y de la lógica simbólica (donde se estudian los principios y leyes del pensamiento; donde se prescinde de la referencia a los objetos) y subrayan el valor del entendimiento, no de una teoría, sino de una persona-analista, con una actitud lo más despojada posible de conocimientos previos, con el objetivo de crear un espacio para una nueva experiencia con la persona-analizante. Esto permitirá la formulación de hipótesis relacionadas con cada experiencia vivida por la dupla. Se presentan hipótesis sobre las posibles funciones de la robotización y la desrobotización, tanto a nivel individual como grupal. Asimismo, se plantean preguntas dentro de un universo de especulaciones cuyos extremos son:

- a) ¿Puede el psicoanálisis convertirse en un proceso de robotización?
- b) ¿Puede una computadora llegar a experimentar algo similar a experiencias emocionales?

Psyche and Robotization

Abstract: Basing their ideas on what is already known about the construction, functioning, and use of computers, the authors define the elements present in the “robotization of man” and compare these elements to some of the objectives of a Psychoanalytical session, considering Psychoanalysis as one of the possible attempts to “un-robotize” (break down the robot) man.

To achieve this aim, the authors consider it important to avoid the rules of symbolic and formal logic (in which the principles and laws of thought processes are studied, and where reference to objects is not necessary). They stress the presence of the analyst as a person in the place of the analyst as a conveyor of theories. This “analyst-person” should achieve the ability to be present in the analytical session by the abandon of acquired knowledge, and so create a space in which he can experience his analysand as a person, when it would be possible to formulate hypotheses related to the experiences lived through by each partner. The authors also offer certain hypotheses relative to the functions “robot and unrobotization” of a person (both the individual and group level). Their inquiries are limited to a universe of speculations whose extreme limits are: a) Can Psychoanalysis be an instrument for the robotization of man? b) Can a computer experience emotion?

Referências

- Alvim Jr., F. (1971). Wittgenstein: sobre a explicação estética e a explicação científica causal. *Critica*, 13, 21-55.
- Alvim Jr., F. (1974). A invenção em matemática. *Revista Brasileira de Filosofia*, 24(93), 36-51.
- Alvim Jr., F. (1974a). A neutralidade da ciência. *Ciência e Cultura*, 26, 109-115.
- Alvim Jr., F. (1975). Modelos vetoriais para metapsicologia. Relatório Técnico nº 7 do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC). Brasília.
- Alvim Jr., F. & Mello, H. H. de S. (1975). Sobre uma possível Metalogia, I. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 9(1), 63-81.
- Beth, E. W. (1959). *The Foundations of Mathematics - A Study in the Philosophy of Science*. North-Holland Publishing.
- Bicudo, V. L. (1969). Contribución de Freud a las ciencias sociales. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 3/4, 269-286.
- Bion, W. R. (1962/1963). *Learning from Experience & Elements of Psychoanalysis*. William Heinemann Medical Books.
- Bion, W. R. (1975). Conferências Brasileiras (nº 1) (P. D. Correa, Trad.). Imago.
- Bunge, M. (1967). *Scientific Research I - The Search for System*. Springer-Verlag.
- Davis, M. (1958). *Computability & Unsolvability*. McGraw-Hill Book.
- Freud, S. (1930). *Das Unbehagen in der Kultur*. Internationaler Psychoanalytischer Verlag.
- Griffith, J. S. (1971). *Mathematical Neurobiology - An Introduction to the Mathematics of the Nervous System*. Academic Press.

- Kuhn, T. S. (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. University of Chicago Press.
- Lorenz, K. (1971). *Sobre la Agresión: el Pretendido Mal* (F. Bianco, Trad.). Siglo Veintiuno Editores S.A.
- Lorenz, K., & Leyhausen, P. (1971). *Biología del Comportamiento* (F. Bianco, Trad.). Siglo Veintiuno Editores S.A.
- Mello, H. H. de S. (1974). O sintoma psicanálise. *Alter - Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, 4(1-3).
- Mello, H. H. de S. (1975). Gradiente para um abismo. *Alter - Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, 5(1-3).
- Mello, H. H. de S. (1976). Notas para uma notação. XI Congresso Latinoamericano de Psicanálise, Buenos Aires.
- Nagarjuna. (1972). *Mula Madhyamalka-Karika (Aforismos Médios)* (R. M. Gonçalves, Trad.). II Simpósio Latinoamericano de Lógica Simbólica, Universidade de Brasília.
- Nagel, E. (1961). *The Structure of Science*. Routledge & Kegan Paul.
- Norman, D. A. (1970). *Models of Human Memory*. Academic Press.
- Norman, D. A., & Rumelhart, D. E. (1975). *Explorations in Cognition*. W. H. Freeman.
- Ornstein, R. E. (1972). *The Psychology of Consciousness*. W. H. Freeman.
- Pirsig, R. M. (1974). *Zen and the Art of Motorcycle Maintenance: An Inquiry into Values*. Bodley Head.
- Popper, K. R. (1958). *The Logic of Scientific Discovery*. Hutchinson.
- Ravetz, J. R. (1971). *Scientific Knowledge and Its Social Problems*. Clarendon Press.
- Rose, H., & Rose, S. (1970). *Science and Society*. Penguin Books.
- Schank, R. C. (1975). *Conceptual Information Processing*. North-Holland/American Elsevier.
- Simak, C. D. (1952). *City*. Ace Books.
- Suzuki, D. T. (1971). *Introdução ao Zen-Budismo* (M. N. de Azevedo, Trad.). Civilização Brasileira.
- Suzuki, D. T. (1956). *Essais sur le Bouddhisme Zen, Deuxième Série*. Éditions Albin Michel.
- Wittgenstein, L. (1963). *Tractatus Logico-Philosophicus* (D. F. Pears & B. F. McGuinness, Trad.). Routledge & Kegan Paul.